

CENTRO CÍVICO DE SANTO ANDRÉ

Foto: Beto Garavello. Coleção PSA.



Vista do Centro Cívico de Santo André, a partir da Passarela Luso - Brasileira Américo Pinto Serra, 2018.



PREFEITURA DE
SANTO ANDRÉ

Centro Cívico de Santo André
Prefeitura de Santo André

FICHA TÉCNICA

Paulo Serra

Prefeito de Santo André

Luiz Zacarias

Vice Prefeito

Simone Zárate

Secretária de Cultura

Azê Diniz

Secretária Adjunta de Cultura

Marco Moretto Neto

Diretor de Planejamento e Projetos Especiais

Mayra Gusman de Souza Brito

Gerencia de Documentação e Preservação Cultural

Pesquisa documental e iconográfica e produção de textos.

Elaine Moraes de Albuquerque

Fátima Regina Tavella Leal

Suzana Cecilia KleeB

Imagens do Acervo do Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa – MSAOAG.

Agradecemos aos colegas e servidores públicos da Gerência de Informação ao Planejamento (DDPU), Encarregatura de Arquivo (Departamento de Apoio Administrativo) e Encarregatura de Protocolo (Departamento de Atendimento ao Cidadão) pelo apoio e colaboração. Agradecemos igualmente aos fotógrafos profissionais e amadores que produziram imagens para a publicação, bem como aos doadores de imagens fotográficas ao Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.



Esta publicação está licenciada com uma licença Creative Commons 4.0 internacional. Você pode copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como remixar, transformar e criar a partir do material, desde que reconheça a autoria do mesmo e utilize a mesma licença. Para ver uma cópia da licença visite: https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR



SA59

Santo André (SP). Secretaria de Cultura. Diretoria de Planejamento e Projetos Especiais. Gerência de Documentação e Preservação Cultural
Centro Cívico de Santo André [recurso eletrônico] / Prefeitura de Santo André, Secretaria de Cultura, Diretoria de Planejamento e Projetos Especiais, Gerência de Documentação e Preservação Cultural. - Santo André, SP : PSA, 2023.

63p.: il.; color.
Modo de acesso: World Wide Web

Bibliografia.
ISBN

1 . Centro Cívico - Santo André (SP). 2. Arquitetura. 3. Paisagismo.
4. Designers de Móveis. I. Prefeitura de Santo André. II. Título.

CDD 720.98161

OLÁ, VISITANTE!

Esta publicação comemora os 52 anos do período de inauguração do Centro Cívico de Santo André que ocorreu entre abril de 1969 a abril de 1971. Por sua relação com a cidade e seus moradores, sua presença na paisagem por mais de meio século e reconhecido destaque no conjunto da arquitetura moderna paulista é um dos pontos simbólicos de Santo André. E, é sobre este lugar que iremos dialogar.

As três partes que se seguem trazem diversas informações e imagens fotográficas sobre este Centro Cívico. Você terá acesso a uma apresentação detalhada sobre os arquitetos e equipes envolvidos no projeto arquitetônico, paisagístico e de mobiliário dessa obra. Estes profissionais foram referências entre seus colegas e expressaram ideias centrais, e que ainda são relevantes quando se observa este lugar na atualidade.

Para começar, citamos alguns valores importantes que nortearam a proposta para o conjunto arquitetônico:

- Valorização da escala humana nas relações construtivas e na organização da paisagem;
- Ligação do homem com a natureza, com realce para a celebração da vegetação da Mata Atlântica, típica dos remanescentes regionais;
- Respeito ao lugar e sua integração com a paisagem e com as dinâmicas sociais locais;
- Enaltecimento da boa arquitetura, com relações entre os espaços de construção e as áreas livres, de expressão e convivência da população;
- Possibilidade de visualização de 360 graus do entorno da cidade.

VAMOS CONTINUAR A CONHECER MAIS SOBRE ESTE LUGAR ?

ÍNDICE

| | |
|-----------------------------------|----|
| A arquitetura de Rino Levi | 2 |
| As criações de Roberto Burle Marx | 24 |
| O design de Jorge Zalszupin | 38 |

Foto Beto Garavello. Coleção PSA.



Vista panorâmica, com destaque para o Centro Cívico de Santo André, 2018.

ARQUITETURA DE RINO LEVI

Foto e Coleção Élcio Simões. Acervo MSAONG.



O passado continua sempre a nos fornecer ensinamentos valiosos, aliás, hoje mais do que nunca.[...] As leis da harmonia são imutáveis, baseiam-se numa constante, o ser humano.

Rino Levi

Esta parte trata dos trabalhos do arquiteto **Rino Levi** que, em conjunto com arquitetos de sua equipe, atuou no projeto do complexo institucional para Santo André, composto pela Câmara Municipal, Executivo e Complexo Cultural. O Fórum, apesar de linhas arquitetônicas semelhantes, foi projetado pela equipe de Jorge Bomfim, Nelson Batistucci, Roberto Tross Monteiro e Walter Caprera.

Rino Levi foi um dos significativos arquitetos modernistas brasileiros. Seu foco estava na simplicidade e clareza dos volumes projetados, no cuidado com o desenho e domínio de todos os detalhes de suas obras. Produziu uma arquitetura em que utilizava a técnica e a ciência a serviço do bem-estar humano. Teve uma atuação intensa e deixou um importante legado tanto pelos projetos que idealizou, quanto pelo modo de pensar a profissão, expressa em constante busca por uma arquitetura moderna essencialmente brasileira.

Em Santo André temos a oportunidade de ter uma obra de sua autoria. E, mais ainda, reconhecida pela população como um espaço que a representa.

QUEM É RINO LEVI

Rino Levi foi arquiteto e urbanista, viveu entre 1901 e 1965. Nasceu em São Paulo, mas filho de imigrantes italianos, estudou arquitetura em Milão e em Roma, na Itália, formando-se em 1926 na Escola Superior de Arquitetura de Roma. Voltou ao Brasil e iniciou sua carreira independente em 1928, quando criou seu Escritório que, posteriormente, viria a denominar-se Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda.

Esteve ligado ao início do movimento modernista na arquitetura brasileira, publicando (1925) a carta artigo “Arquitetura e Estética das cidades” em que defendia uma renovação da arquitetura e adequação daquilo que se produzia internacionalmente às especificidades nacionais, uma modernização com ‘alma brasileira’, como ele mesmo definiu, adequada à natureza e aos costumes de seus habitantes.

Contribuiu para a regulamentação do trabalho de arquiteto, sendo um dos responsáveis pela criação do Instituto dos Arquitetos do Brasil SP, (1943), além de dividir a autoria do projeto de sua sede com Miguel Forte e Abelardo de Souza (1946). Integrou o 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em São Paulo, em 1945. Atuou internacionalmente como membro do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) e foi chefe da delegação brasileira no 8º Congresso Pan Americano de Arquitetos, (1952), no México.

Registro fotográfico Gregori Marchavchik. Acervo Itaú Cultural.



Rino Levi, década de 1940.

Participou da criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM SP (1948), foi diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil/SP de 1943 a 1955 e atuou no campo da educação, ligando-se, na FAU USP, à reformulação do ensino de arquitetura.

Entre os diversos projetos que realizou está o Centro Cívico de Santo André, que foi seu último, idealizado em 1965, um pouco antes da sua morte repentina.

CAPACIDADE CRIATIVA E COMPETÊNCIA TÉCNICA DO ARQUITETO

Seus projetos são dotados de um cuidado primoroso com relação ao conforto ambiental, tanto térmico como acústico e visual. Em sua obra observa-se a preocupação com a implantação dos edifícios em relação à cidade, buscando integrá-los à paisagem. A relação interior e exterior dos espaços é tratada com o mesmo cuidado. Os objetivos dos seus projetos associam elementos de ordem técnica e funcional a uma intenção plástica. Esse modo integrado de criação deflagrava sua busca constante por soluções inovadoras, condizentes com seu sofisticado critério de qualidade para responder às questões que surgiam dos vários tipos de edificação projetados por ele.

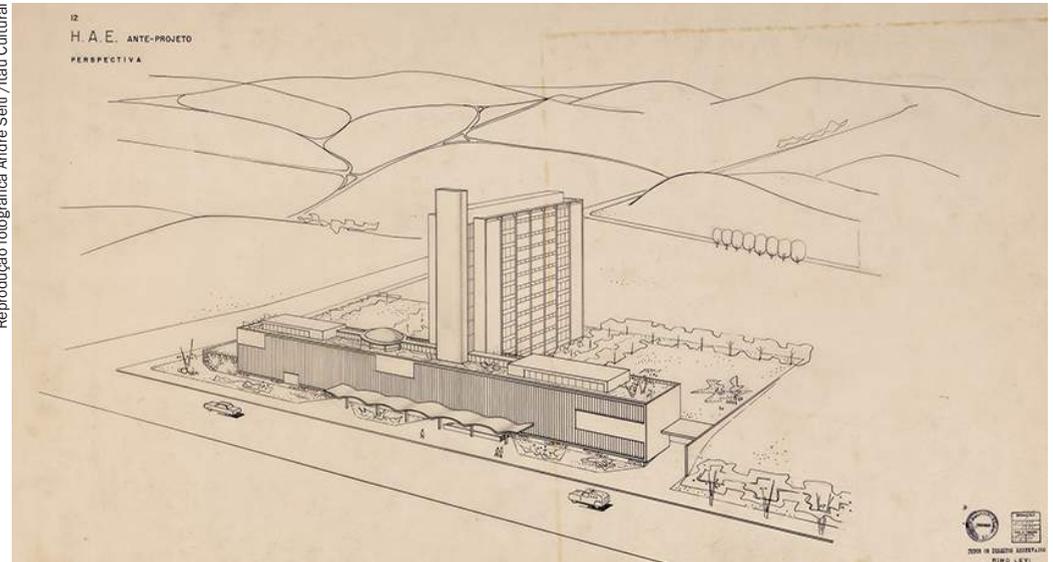
A expressão da obra de Rino Levi teve caráter modelar em diferentes tipos de ambientes como conjuntos residenciais, colégios, cinemas, indústrias, entre outros. Sua atuação, no entanto, foi além da realização de projetos técnicos, ele foi precursor de estudos de acústica arquitetônica no Brasil e criador do Instituto Brasileiro de Acústica (IBA). Rino Levi também deixou relevante contribuição para a arquitetura de hospitais, percebido em seus projetos que valorizaram as necessidades específicas de cada caso, como nos métodos inovadoras de ensino desenvolvidos para a formulação de projetos hospitalares.

RINO LEVI E O TRABALHO EM EQUIPE

A forma como Rino Levi coordenava seus projetos também trazia um toque especial para sua arquitetura. Principalmente em seus grandes projetos, o arquiteto contou com a contribuição de múltiplos colaboradores que compunham sua equipe de projetistas, além de especialistas que agregavam conhecimento e qualidade às propostas.

Era um trabalho coletivo que tinha um fluxo dinâmico, que podia partir das ideias ousadas do arquiteto para detalhamento de sua equipe. De todo modo, à medida em que os dados do projeto eram reunidos e assimilados, Rino Levi assumia o papel de delineador da forma definitiva do conjunto da obra, “entrosando todos os elementos num organismo funcional, técnico e plástico” (ALMEIDA, 2016 op cit LEVI, 1948).

Reprodução fotográfica André Seiti /Itaú Cultural



Edifício do Hospital Albert Einstein, projetado pelo Escritório de Rino Levi, 1958.

O Centro Cívico de Santo André foi gestado com estas premissas, contando com a participação dos arquitetos Roberto de Cerqueira Cesar e Luis Roberto Carvalho Franco, além do artista plástico e paisagista Burle Marx, os arquitetos paisagistas Haruyoshi Ono e José Tabacow, design de mobiliário Jorge Zalszupin, desenhista industrial Livio Edmondo Levi, cenógrafo Aldo Calvo e o especialista em acústica Igor Sresnewsky, entre outros.



Coleção PSA. Acervo MSAOAG.

Projeto da Câmara Municipal de Santo André, desenhada pelo escritório Rino Levi Arquitetos Associados SC Ltda, década de 1960.

A NECESSIDADE DE UM CENTRO CÍVICO

A ideia de centralizar os serviços municipais datava desde o final dos anos 1930. O espaço deveria ser espelho de uma cidade que crescia em população e com uma economia que também se desenvolvia a olhos vistos.

Para dar conta desse pensamento foram realizadas pelo menos três propostas para a construção de um Paço Municipal para Santo André - como se pode ver nas figuras - sem, no entanto, nenhum deles ser realizado.

Reprodução de Octaviano Galarsa, 1968. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



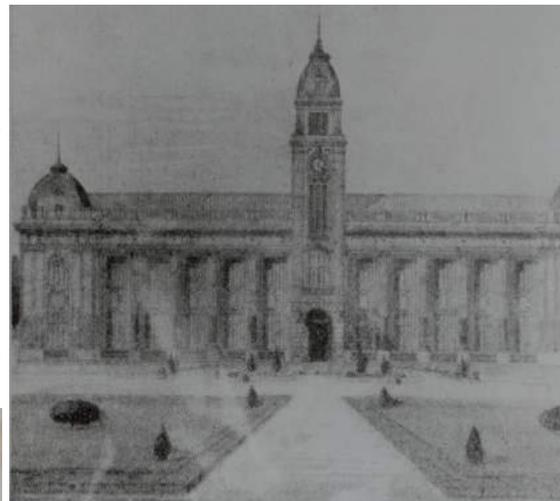
Projeto para o Paço Municipal, anos 1948.

Reprodução de Coelho e Santo André, 1954. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Projeto para o Paço Municipal, anos 1954.

Reprodução Revista de Municipalidades, 06.1939. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Projeto para o Paço Municipal, 1938.

O LUGAR IDEAL

Havia um espaço que estava na mira do poder público para construir seu centro cívico: a Vila Maroca. Um dos últimos vestígios ruralizados do centro, ela era sede da Chácara Bastos que abrangia vasta área que o político santista Dr. José Cesário da Silva Bastos adquiriu de José Luiz Fláquer em 1890, para ali formar a sua chácara de veraneio. O ABC era conhecido por sua qualidade ambiental e diversos moradores santistas e paulistanos compravam terras tanto para loteamentos como para passar férias e fins de semana com a família.

A partir de 1922 a chácara foi loteada, restando apenas a sede, que ia da atual Avenida Portugal até o córrego do Cemitério, junto à atual Avenida XV de Novembro. Era um lugar estratégico, próximo à estação ferroviária e a caminho de São Bernardo. Sua localização chamou a atenção das autoridades municipais que propuseram sua desapropriação em 1944, entendendo aquele ser um bom espaço para uso público. O processo levou alguns anos, mas em 1948 o terreno passou a ser de propriedade da Prefeitura de Santo André.

Reprodução Processo de desapropriação da Chácara Bastos. Acervo MSAOAG.



Sede da Chácara Bastos, Vila Maroca, 1949.

Reprodução Processo de desapropriação da Chácara Bastos. Acervo MSAOAG.



Entrada da Chácara Bastos, 1949.

UMA PRAÇA PARA O IV CENTENÁRIO

A construção de um centro cívico, no entanto, teve que ser adiada, pois naquela ocasião o olhar da administração municipal vislumbrava para aquele espaço outra finalidade. A prioridade era implementar um espaço de lazer e de manifestação da potência industrial do ABC. Havia ainda outra demanda: em 1953 estavam previstas grandes comemorações para o IV Centenário da fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo. Em ambos os casos, as escolhas convergiam para a área da Vila Maroca.

Assim, a sede foi demolida, a vegetação foi retirada e um amplo espaço abrigou a praça e o pavilhão de Exposição Industrial e Comercial de 1953. A inauguração celebrou, também, os 400 anos da criação da vila, e por isso, ficou denominada Praça IV Centenário. Para marcar as festividades, foi instalada estátua em homenagem a João Ramalho, oferecida pela colônia portuguesa, e o Relógio de três faces, presente da colônia japonesa.



Coleção PSA, Acervo MSAOAG.

Cartaz de comemorações ao 4º centenário de fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo, 1950.



Coleção Antonio Carlos Rizzo, Acervo MSAOAG.

Praça IV Centenário, década de 1950.



Coleção Octaviano Armando Gaiarsa, Acervo MSAOAG.

Obras na Chácara Bastos para construção da Praça IV Centenário. Ao fundo, Av. Dom Pedro II, década de 1950.

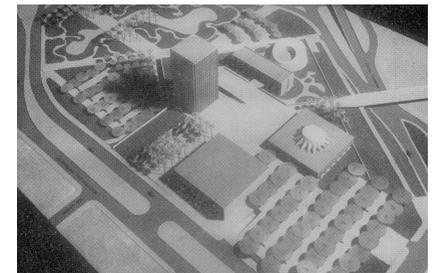
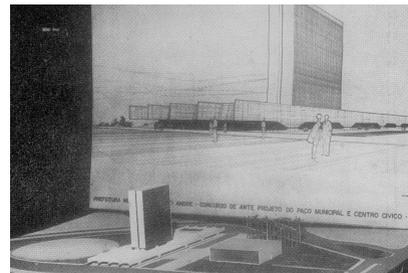
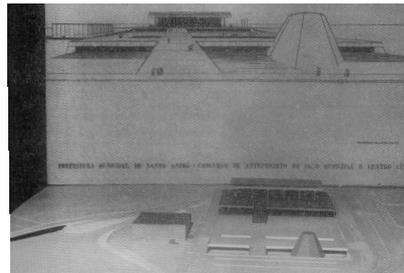
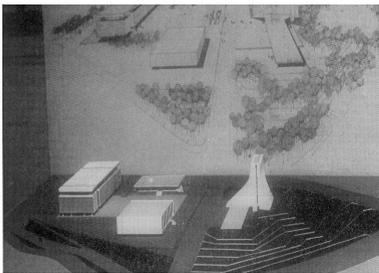
O CONCURSO PARA UM CENTRO CÍVICO EM SANTO ANDRÉ

Após alimentar durante muito tempo a ideia para a construção de um centro cívico, em 1964, a Prefeitura de Santo André lançou concurso público para projetos. Foram convidados os arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Jorge Wilhem, Júlio José Franco Neves, Rino Levi, Max Fortner, Nestor Lindemberg e uma equipe de arquitetos do ABC - Jorge Olavo dos Santos Bomfim, Rodney Guaraldo e Toru Kanasawa. Mais tarde, Roberto Bomfim e Toru Kanasawa desistiram em favor de Rodney Guaraldo. Foram selecionados 4 pro-

jetos semifinalistas apresentados abaixo e o vencedor foi o dos arquitetos Rino Levi, Roberto de Cerqueira Cesar e Luis Roberto Carvalho Franco.

O projeto vencedor, segundo a Comissão Julgadora, estabeleceu “uma feliz composição do conjunto com boa disposição dos volumes arquitetônicos, a sua integração com a paisagem urbana e principalmente suas longas visuais conferem ao projeto um caráter essencialmente cívico, que é objetivo primordial na concepção de uma obra destinada a abrigar os poderes legislativo, executivo e judiciário, e o centro cultural de uma comunidade como a de Santo André”.

Reprodução Revista DOP,
1965, n.º 27. Acervo MSAOAG.



Projetos semifinalistas: Jorge Wilhem, Julio Neves, Rodney Guaraldo e o vencedor de Rino Levi e Arquitetos Associados.

A CONCEPÇÃO DO PROJETO

O Centro Cívico de Santo André foi idealizado dentro de um contexto de progresso, valorização e criação de um símbolo compatível com a visão de futuro que se pretendia para a cidade.

Vindo ao encontro desses anseios, o projeto vencedor apresentou uma proposta moderna de arquitetura, em que o Centro Cívico seria um espaço de convergência humana, algo como o coração de uma cidade inovadora e orgânica.

Nesse sentido, a ideia central era a apropriação do espaço pela população, baseada no conceito e nos ideais do ‘Coração da Cidade’, tema do 8º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Ciam), realizado na Inglaterra em 1951, no qual Rino Levi participou como membro da comissão brasileira.

Assim, de acordo com o projeto vencedor “o Centro Cívico não é somente um conjunto de edifícios públicos. Ele será o centro de conver-

gência da população. Deverá atrair pessoas e propiciar ambiente para o contato humano, troca de ideias e manifestações de vida e sociedade. Ele será portanto de domínio do povo. O tráfego de veículos deverá chegar apenas até sua periferia, mas nunca cruzá-lo”.

Coletção PSA - Acervo MSAOAG.



Vista aérea de Santo André, com destaque para o Centro Cívico de Santo André em construção, final da década de 1960.

O Centro Cívico se configurou como um novo setor urbano, com edifícios que se conformaram em marcos na paisagem, até então quase toda horizontal. A praça cívica e seu conjunto de edifícios representariam o poder, a organização, a autonomia e a participação social; síntese de um ideal de cidade moderna e democrática.

Seguindo a proposta do projeto, o Centro Cívico foi pensado para ter um sistema construtivo simples, de fácil execução e econômico, uma vez que dispensava grandes obras de terraplenagem. No entanto, dificuldades ao longo das obras, levaram à inauguração em etapas, desde abril de 1969, com a Câmara Municipal, e a última delas, em abril de 1971, com a abertura do Teatro Municipal.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Fioravante Zampol, Prefeito Municipal, lançando uma pá de concreto nas obras do Centro Cívico de Santo André, 1965.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Vista da construção do Centro Cívico. Em primeiro plano o Executivo praticamente sem andares, em seguida, o prédio do Centro Cultural e após, o Teatro. Ao fundo na foto, vê-se o atual prédio da ACISA, final da década de 1960.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



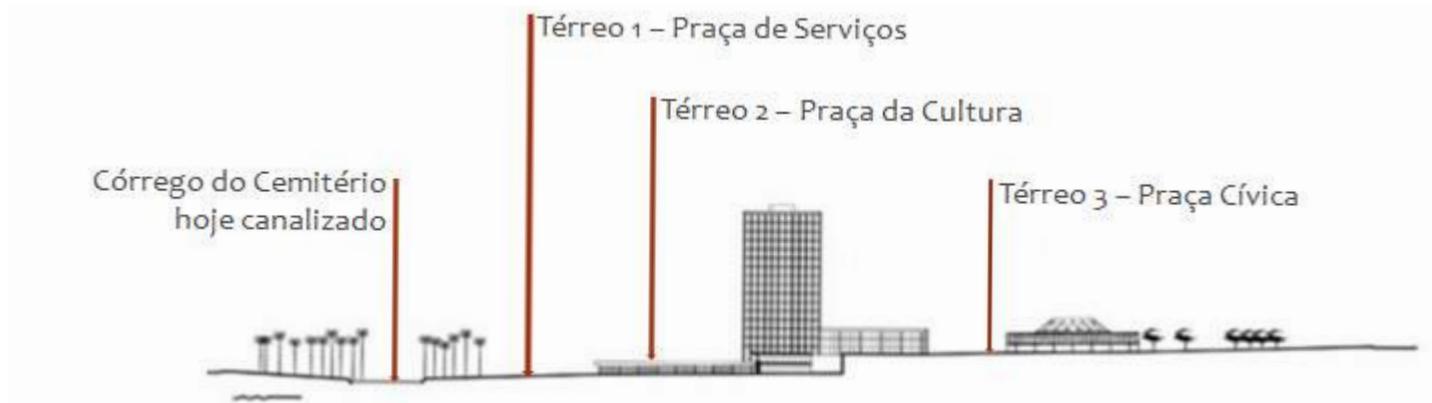
Cartaz de inauguração da primeira etapa do Centro Cívico de Santo André, 08.04.1969.

A ARQUITETURA DO CENTRO CÍVICO: OS DESNÍVEIS

O Centro Cívico foi implantado em um terreno de 110.000 m², na encosta do Córrego do Cemitério. Organizado em três patamares e vencendo um desnível de 10 metros sem uso de aterros, o conjunto de edifícios em concreto armado se acomodou no terreno, proporcionando acessos independentes a cada um dos patamares, de modo que compartilhassem de

uma praça central única, a Praça Cívica ou o Térreo 3. Além desta, em cada um dos dois outros patamares ou térreos formou-se outra praça como se pode ver no esquema abaixo.

Cada edifício foi resolvido funcionalmente de acordo com suas necessidades e apesar de serem diferentes em porte, posição e plástica possuem uma unidade de linguagem.



Corte geral do Centro Cívico de Santo André. Fonte: ANELLI, R.; GUERRA, A.; KON, N., Rino Levi: arquitetura e cidade. 2001, p.255.

AS PRAÇAS

Apesar de harmonicamente interligadas possuem denominações diferenciadas a partir de sua função.

O prédio do Executivo, é aquele que articula as esferas política, cultural e cotidiana da vida pública da cidade.

- Praça Cívica, no Térreo 3, onde intencionalmente foi implantada a Câmara Municipal, o Fórum, uma passarela e a torre do Executivo que aflora para a paisagem neste patamar;
- Praça Cultural, no Térreo 2 com o Centro Cultural e o Teatro;
- Praça de serviços, no Térreo 1, onde podem ser acessados diversos serviços públicos.



Vista aérea do Centro Cívico de Santo André e entorno, 2000.

A CÂMARA MUNICIPAL

O Edifício Legislativo, ou Câmara Municipal, tem características que o diferenciam dos demais. O que chama a atenção de imediato é a estrutura em concreto armado em forma de estrela que se apoia suavemente sobre a laje de cobertura. Todas as faces do edifício possuem amplas esquadrias envidraçadas e *brise-soleil* verticais e horizontais em concreto que tem a função de controlar a insolação e garantir conforto térmico.

Também se destaca o uso dos pilotis, pilares que suspendem o prédio acima do piso, permitindo a continuidade da praça cívica para dentro da instituição representativa da democracia local.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Construção do Centro Cívico, c.1967. Em destaque o prédio da Câmara e ao fundo o Executivo, c. 1967.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Câmara Municipal defronte do espelho d'água. Vê-se claramente os *brise-soleil* e o uso de pilotis, além da estrela que encima a edificação, 2020.

Foto e Coleção Octaviano Geaiarsa. Acervo MSAOAG.



Detalhe da construção do prédio da Câmara Municipal, com destaque para os pilotis e a coroa que encima a edificação, c.1967.

O EXECUTIVO

O Edifício Executivo é o único a perpassar os 3 patamares existentes no terreno por meio de seus 3 térreos. Além destes, possui mais 15 pavimentos. A estrutura é em concreto armado, dotada de amplos caixilhos metálicos envidraçados que emolduram a paisagem da cidade.

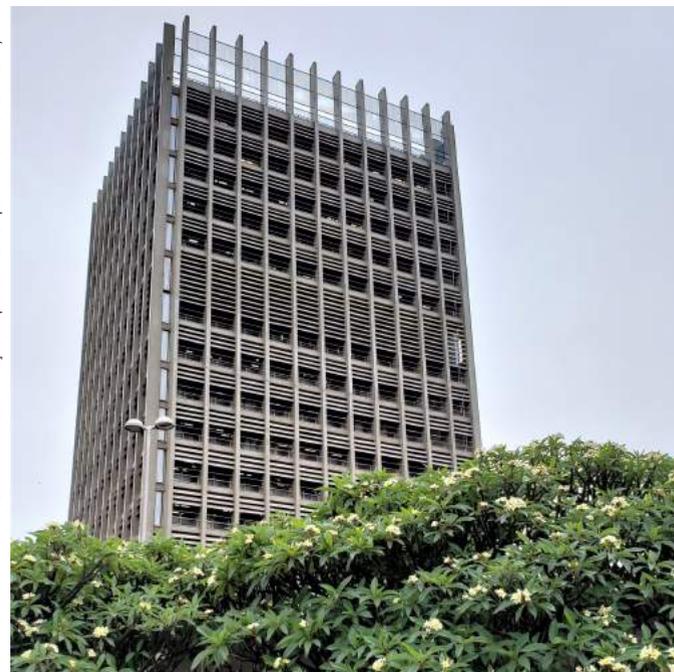
Coleção PSA, Acervo MSAOAG.



Construção do Centro Cívico de Santo André, destaque para o Executivo em construção, c.1967.

As fachadas voltadas para Norte e Nordeste são protegidas da incidência direta de radiação solar por meio de *brise-sollei* horizontais distantes das esquadrias em um metro para facilitar a ventilação.

Foto Suzana Kleeb, Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Vista do Executivo, a partir do Térreo 1. As árvores jasmim manga são do projeto de paisagismo de Burle Marx, 2020.

O COMPLEXO CULTURAL

O Complexo Cultural é composto pelo Teatro e o Centro Cultural. Este abriga a Secretaria de Cultura, a Biblioteca, o Auditório e o Salão de Exposições. Uma qualidade do projeto é que o edifício do Centro Cultural realiza uma integração vertical entre o Térreo 3 – a Praça Cívica – e o Térreo 2 – a Praça Cultural. Já a articulação horizontal entre o Teatro, o Auditório e o Salão de Exposições é feita pelo saguão onde está exposto o Tríptico de Roberto Burle Marx. Esta ligação com a cidade foi pensada para ser feita pela passarela de acesso ao centro antigo, que possui uma alça que a liga ao Térreo 2.

Além disso, este saguão e o Salão de Exposições integram a Praça Cultural, ainda que cobertos pela laje da Praça Cívica. As grandes aberturas em caixilhos envidraçados do teto ao piso, que podem ser vistos tanto no Salão de Exposições como no próprio saguão, comprovam esta composição e integração com a praça aberta.

No Salão de Exposições há uma segunda parede em elementos vazados de concreto que garantem o conforto térmico, ventilação e permitem integração com os jardins.

Foto Suzana Kleeib. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Foto ao lado, vista do Complexo Cultural e de parte da Praça Cultural. Foto abaixo, destaque para os pilotis, a esquadria envidraçada do Salão e a parede de elementos vazados ao fundo, 2020.

Foto Fátima Regina Tinelli Lual. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Saguão com destaque para esquadria envidraçada que liga à Praça Cultural, o Tríptico e, ao fundo, o Teatro, 2009.

Foto Suzana Kleeib. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Por sua vez, além da singularidade do formato cônico da construção, o Teatro de 500 lugares chama a atenção pelo tratamento acústico e cenográfico de seu interior. Sob este ângulo foi considerado tecnicamente um dos mais perfeitos do país no período de sua implantação.

Cabe ressaltar que as instalações teatrais ficaram a cargo de Aldo Calvo, cenógrafo de renome internacional em montagem de teatros. O projeto acústico do teatro foi realizado por Igor Sresnewsky, arquiteto com vasto currículo especializado nesta área.

Também se destaca o design e qualidade técnica – de conforto e acústica – das poltronas criadas especialmente para este espaço cultural pelo arquiteto Jorge Zalszupin, em colaboração com Roberto Cerqueira Cesar, Luis Roberto Carvalho Franco e Igor Sresnewsky.



Foto Angelo Balima. Coleção PSA.

Vista interna do Teatro Municipal de Santo André, com destaque para palco e plateia com as poltronas propostas pelo arquiteto Jorge Zalszupin, 2021.



Foto Angelo Balima. Coleção PSA.

Detalhe das poltronas recém recuperadas em sua proposta inicial, 2021.



Foto Beto Garavello. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.

Vista externa do Teatro e parte do saguão que o liga aos outros elementos construtivos do Complexo cultural, 2016.

O FÓRUM

Diferentemente dos demais edifícios do Centro Cívico, o projeto do edifício do Poder Judiciário, o Fórum foi realizado por meio de convênio entre Governo do Estado de São Paulo e a Prefeitura de Santo André, nos anos de 1960. No projeto de Rino Levi constava apenas uma área de 2.704m² demarcada para a construção desse prédio. Este foi elaborado pela equipe de arquitetos do ABC - Jorge Bomfim, Nelson Batistucci, Roberto Tross Monteiro e Walter Caprera - no mesmo momento e mesma linguagem, compondo um conjunto harmônico com as demais construções.



Fórum, década de 1990.



Construção do Fórum, 1971.



Fórum, 2019.

MAQUETE DO CENTRO CÍVICO DE SANTO ANDRÉ

Esta maquete, realizada no final de década de 1960, apresenta todas as construções do Centro Cívico: a Câmara Municipal, o Executivo, o Centro Cultural, o Teatro, o Fórum e a passarela que faz a ligação entre o Centro Cívico e o centro antigo de Santo André, bem como entre este e o Térreo 2, permitindo o acesso ao Centro Cultural. Também pode ser visto o projeto paisagístico de Roberto Burle Marx.

Cabe ainda destacar que apesar de não tão facilmente evidenciado, outros profissionais estiveram envolvidos nesta obra, como o premiado arquiteto e desenhista industrial Livio Edmondo Levi, considerado um dos pioneiros da iluminação arquitetônica no Brasil e que realizou o projeto luminotécnico, imprimindo sua marca, por exemplo, nas luminárias externas em formato esférico, tão características do Centro Cívico.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Maquete do Centro Cívico de Santo André, 1969. Projeto arquitetônico de Rino Levi e Arquitetos Associados e Projeto paisagístico de Roberto Burle Marx. Também presente o Fórum, cuja autoria é de Jorge Bomfim, Nelson Batistucci, Roberto Tross Monteiro e Walter Caprera.

CARACTERÍSTICAS MARCANTES NO INTERIOR DAS EDIFICAÇÕES

Por fim, é importante destacar dois elementos facilmente perceptíveis no interior das construções do Centro Cívico de Santo André. O primeiro é a organização espacial em planta livre, que garante maior flexibilidade para os ambientes de trabalho. O segundo, para o caso do Executivo, é o Salão Nobre, que com seu pé-direito duplo garante elegância e monumentalidade para o espaço.

Nesse quesito também é preciso realçar as contribuições do paisagista e artista plástico Roberto Burle Marx e coautoria dos arquitetos paisagistas Haruyoshi Ono e José Tabacow, que além dos jardins, produziu obras para o interior dos prédios; bem como o designer de móveis Jorge Zalsupin, que venceu a concorrência pública para mobiliar diversos espaços de trabalho e de atividades sociais deste Centro Cívico.

Na próxima parte você terá a oportunidade de conhecer um pouco mais das características que conferem harmonia ao conjunto, em diálogo com o paisagismo de Roberto Burle Marx e com o entorno da paisagem andreense.

Foto Suzana Kleeib. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Vista interna do Salão Nobre do Executivo do Centro Cívico de Santo André; o pé-direito duplo pode ser percebido se comparado à escala humana, 2013.



Vista aérea do Centro Cívico de Santo André, 2018.

AS CRIAÇÕES DE ROBERTO BURLE MARX

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo. Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/FSA



Detalhe da tapeçaria criada por Roberto Burle Marx para o Centro Cívico de Santo André.

Muitos poucos têm o privilégio de ainda encontrar a natureza intocada. Sentirão a expectativa de uma floresta quando o sol começa a erguer-se(...) Nunca mais a recriaremos, mas podemos tentar nos aproximar dela, cultivando ambientes naturais que repousem e restaurem. Não é muito fácil; haverá sempre gente para destruir e alterar nossos projetos. Mas, se no curso de cada dia, pelo menos uma pessoa parar por um instante e olhar, e se sentir recompensada - então nossa obra não terá sido em vão.

Roberto Burle Marx

A segunda parte trata das obras do artista plástico e paisagista **Roberto Burle Marx**, importante colaborador no paisagismo e em criações artísticas do Centro Cívico de Santo André, com coautoria dos arquitetos paisagistas Haruyoshi Ono e José Tabacow.

Para começar esse passeio pela obra deste profissional, repare que ao final desta página há uma imagem que faz referência ao desenho criado por Burle Marx especialmente para o calçamento das ruas centrais de Santo André. Se você já andou atentamente pelo Centro Cívico e pelas ruas de Santo André verá que ele é o mesmo no mosaico de pedras das calçadas do térreo 3 do Centro Cívico e está replicado em diversas calçadas em ladrilho hidráulico da área central da cidade. Este é só o começo de algumas das criações da importante obra deste paisagista.



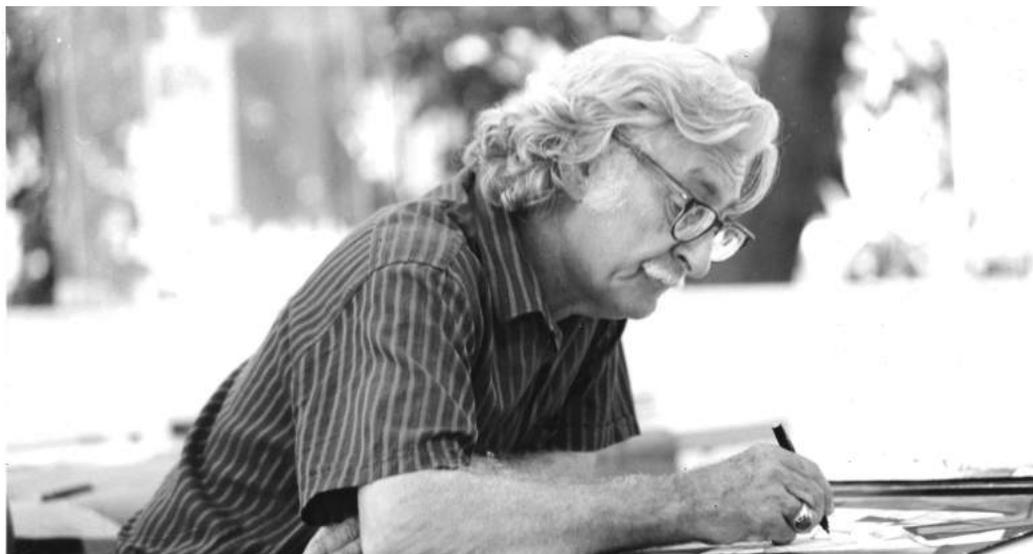
QUEM É BURLE MARX

Roberto Burle Marx foi paisagista e viveu entre 1909 e 1994. Nasceu em São Paulo, mas morou praticamente todo o tempo no Rio de Janeiro. Desde pequeno gostava da natureza e de pintá-la em seus desenhos. Durante uma estadia na Alemanha, entre 1928 e 1929, foi a uma exposição sobre a flora brasileira no Jardim Botânico, em Berlin. Ali se conscientizou da exuberância da vegetação brasileira e de como era necessário preservá-la.

Voltando ao Brasil, estudou pintura e arquitetura e, em 1932, enquanto ainda frequentava as aulas, realizou seu primeiro projeto de jardim. A partir daí não parou mais. Criou jardins no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Santo André, Brasília, Curitiba, Santiago do Chile, Viena, Buenos Aires e em muitos outros lugares. Nestes jardins ele mesclava gramíneas, arbustos, bromélias, árvores com espelhos d'água, murais e painéis em azulejo, também idealizados por ele.

Para realizar seus projetos, Burle Marx fazia pesquisas no interior brasileiro, em busca de novas espécies de plantas e flores que pudessem valorizar o Brasil. Entendia os jardins como uma obra em movimento, que se transforma no decorrer do ano, com o clima, as estações do ano e as florações. Para aqueles que usufruíam dos jardins, eles deveriam refletir bem-estar e harmonia.

Acervo Instituto Burle Marx.



Roberto Burle Marx.

PAISAGISMO DE BURLE MARX

E O CENTRO CÍVICO DE SANTO ANDRÉ

Roberto Burle Marx e o arquiteto Rino Levi tinham diversos interesses em comum, como realizar excursões botânicas para conhecer a flora brasileira. Desses encontros, nasceu um convívio e proximidade de pensamento. Da amizade, aliada ao reconhecimento pela trajetória como paisagista, surgiu o convite para que Burle Marx participasse do projeto do Centro Cívico de Santo André.

Como o terreno destinado para a construção deste complexo possuía desníveis foram propostas praças que interligassem as áreas livres e os prédios entre si. Para realizar essa integração, Burle Marx, junto aos arquitetos paisagistas Haruyoshi Ono e José Tabacow, propôs um conjunto paisagístico dividido em três níveis, valendo-se de plantas nativas da vegetação brasileira como bromélias, arbustos e palmeiras. Associada à flora, propôs um calçamento em mosaico de pedras com traçados

geométricos, em que predominavam ângulos sobre as curvas, sendo que estas desempenham apenas o papel de complemento plástico das principais figuras retilíneas. Estes desenhos exerciam diálogo com os edifícios de formas puras e fachadas sem adornos, típicos da arquitetura modernista.

Acervo Instituto Burle Marx.



Roberto Burle Marx e Rino Levi em uma das várias expedições botânicas que fizeram juntos. Da esquerda para direita: Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Roberto Burle Marx, Rino Levi e Severo Gomes. Provavelmente na serra da Bocaina, em São Paulo, s.d.

PAISAGISMO NO CENTRO CÍVICO

O paisagismo, como se pode ver na figura do projeto original estava presente nos três térreos em que massas verdes de grama, árvores e arbustos eram salpicados por flores e plantas rasteiras de diversas colorações. Destacavam-se, também, as palmeiras que garantiam imponência ao projeto.

Para o Térreo 1 projetou jardim com grande espelho d'água, plantas rasteiras, arbustos e palmeiras. Este foi parcialmente executado. No Térreo 2, de acesso ao Centro Cultural criou jardins de lírios, gramados, bromélias e árvores de grande porte. No Térreo 3, ao lado do espelho d'água, junto à Câmara Municipal, pensou em jardins com lírios amarelos, plantas rasteiras, diversas espécies de árvores e palmeiras.



Desenho original de paisagismo do Centro Cívico de Santo André, criado por Roberto Burle Marx, década de 1960.

DETALHES DO PAISAGISMO E CALÇAMENTO

Como era comum nos projetos de Burle Marx, o espelho d'água estava incorporado no paisagismo com bastante destaque.

Neste caso, o espelho, nas proximidades da Câmara Municipal, deveria refletir os prédios do Centro Cívico de Santo André, ampliando a grandiosidade dos edifícios projetados por Rino Levi.

O calçamento em mosaico de pedra nas cores branco, preto e vermelho queimado deveriam expressar a ligação com os elementos naturais, com a tradição portuguesa de calçamento presente no país e a organicidade e simetria da proposta modernista do Centro Cívico.

Foto Fernando F. Ravecca. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Centro Cívico de Santo André e reflexo em espelho d'água, 1998.

Foto e Coleção Octaviano Galarsa. Acervo MSAOAG.



Detalhe do calçamento e paisagismo do Centro Cívico, junto ao centro cultural, início da década de 1970.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Detalhes do Centro Cultural, início da década de 1970.

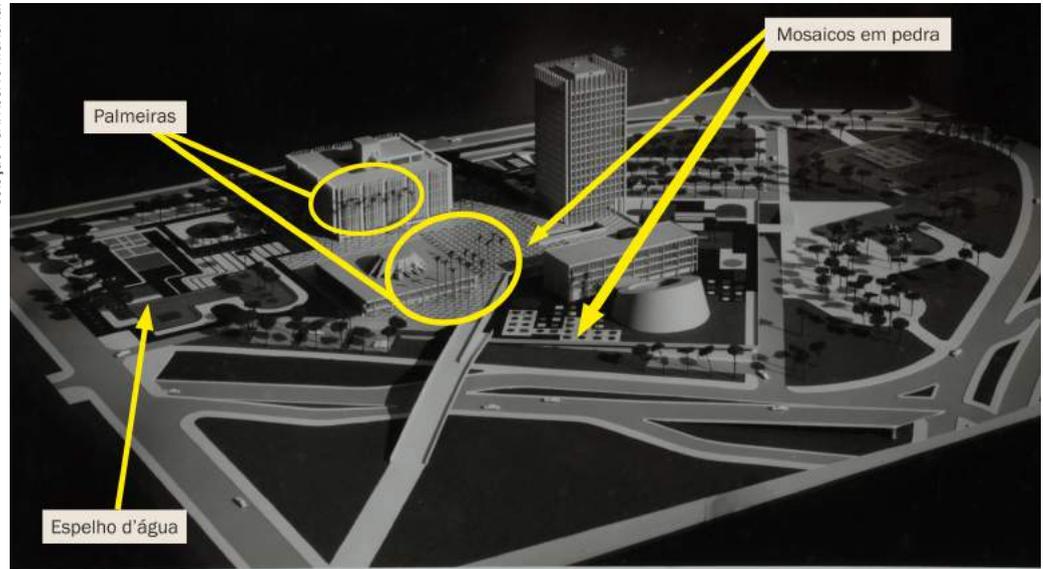
O PROJETO DOS JARDINS DO CENTRO CÍVICO

Neste ângulo da maquete, fica fácil identificar os diversos elementos da obra de Roberto Burle Marx.

Veja se você consegue identificar alguns dos elementos chave:

- Espelho d'água próximo à Câmara Municipal;
- Os mosaicos em pedras que formam desenhos junto ao Teatro no Térreo 2, ao prédio do Executivo no térreo 3 e junto aos jardins na área do espelho d'água;
- As palmeiras que contornam o Fórum e a Câmara Municipal.

Coleção PSA - Acervo MSAOAG.



Maquete do Centro Cívico de Santo André. Projeto arquitetônico de Rino Levi e Arquitetos Associados e Projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, coautoria de Haruyoshi Ono e José Tabacow.

JARDINS DO CENTRO CÍVICO NA ATUALIDADE

Observe os diversos elementos paisagísticos expressos na criação de Burle Marx para o Centro Cívico de Santo André que podem ser encontrados nos dias atuais.

Foto Beto Garavello. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Vista aérea de Santo André, com destaque para o Centro Cívico, 2018.

INFLUÊNCIA DAS CRIAÇÕES DE BURLE MARX

Além do paisagismo, as criações de Burle Marx influenciaram outros detalhes de interiores das edificações do Centro Cívico. Um destaque está no palco do Teatro Municipal, e outro no calçamento das ruas centrais de Santo André.

A repercussão de seus projetos levou a que fosse convidado para realizar mais duas obras: a Tapeçaria que se encontra instalada no Salão Nobre do prédio do Executivo e o Tríptico instalado no saguão do Teatro Municipal Maestro Flávio Florence.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio.



Porta cênica que compõem o palco do Teatro Municipal Flávio Florence e detalhe desta, em que se vê o rebatimento do desenho do piso em pedra do Térreo 3.



Foto Beto Garavello. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Detalhe do piso defronte à Câmara Municipal, em mosaico de pedra com o desenho criado por Burle Marx, 2020.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Piso “Santo André”, em ladrilho hidráulico encontrado em diversas calçadas de Santo André e que reproduz o piso em pedra do Térreo 3.

O TRÍPTICO

Idealizado por Roberto Burle Marx e inaugurado em 1971 é assim denominado pois é composto por três painéis moldados na parede do saguão do Teatro Municipal Maestro Flávio Florence.

O Tríptico mede cerca de 30 metros de comprimento e 3,40m de altura. A obra possui altos e baixos relevos em concreto aparente, e apresenta

formas geométricas e sinuosas que dialogam com os jardins e a tapeçaria instalada no Salão Nobre do prédio do Executivo.

O tríptico está posicionado defronte ao jardim externo do Teatro, tendo ao seu lado e à sua frente amplas janelas em vidro que se projetam do chão ao teto. Essas janelas, além de possibilitarem a interface da obra de arte com o paisagismo do mesmo autor, iluminam naturalmente as obras de arte e o saguão.

Coleção PSA. Acervo MISA/OG.



Vista do Saguão do Teatro Municipal com destaque, ao fundo, do Tríptico de Burle Marx, década de 1970.

Foto Angélio Baíma. Coleção PSA.



Detalhe do Tríptico de Burle Marx, 2020.

A TAPEÇARIA

A tapeçaria, de tipo *aubusson*, criada por Burle Marx foi instalada no Salão Nobre do Executivo no final da década de 1960. Foi confeccionada em teares manuais da Tecelagem Parayba, em São José dos Campos (SP), e, devido a seu tamanho, teve que ser tecida em duas partes.

Trata-se da maior tapeçaria idealizada pelo paisagista, tendo 26,38m de comprimento e 3,27m de altura.

Suas formas orgânicas e coloridas são um contraponto à austeridade do concreto das fachadas do Centro Cívico. E, além disso, sua manufatura artesanal pode ser vista como um diálogo ao momento de forte mecanização das atividades industriais na cidade.



Foto Angelo Baíma. Coleção PSA.

Detalhe de tapeçaria criada por Roberto Burle Marx e instalada no Salão Nobre do Executivo do Centro Cívico de Santo André, 2020.

A TAPEÇARIA EM RESTAURAÇÃO

Em 2006, após anos instalada no Salão Nobre, a tapeçaria de Roberto Burle Marx necessitava de cuidados, pois eram evidentes alguns pontos de sujidades e enferrujamento diante do uso de pregos para sua fixação.

Com apoio da Prefeitura de Santo André e do Ministério da Cultura do governo federal, a tapeçaria foi retirada da parede e no próprio Salão Nobre passou por um processo de limpeza profunda e restauração. Em 2016, antes

da última viagem para exposição em Nova Iorque, a tapeçaria passou por nova limpeza e alguns reparos. Após a exposição, retornou para seu espaço original, no Salão Nobre do prédio do Executivo.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Detalhe do processo de limpeza da tapeçaria, 2006.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Detalhes de limpeza e restauração, 2006. Na imagem a restauradora Florence Maria White de Vera, responsável técnica pela restauração.

A TAPEÇARIA EM EXPOSIÇÕES

Diante do peso e da complexidade de movimentação, esta tapeçaria poucas vezes foi retirada do Salão Nobre. A primeira delas foi em 1973 para exposição sobre Burle Marx em Lisboa (Portugal), na Fundação Calouste Gubenkian, e em Paris (França), no Musée Galliera.

Recentemente, três novas exposições garantiram a presença da tapeçaria: em 2008, para a exposição comemorativa ao centenário de nascimento do autor no Paço Imperial (Rio de Janeiro), em 2009 no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo) e em 2016 no Museu Judaico de Nova Iorque (Estados Unidos da América).

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de apoio ao Patrimônio Cultural/PSA



Exposição “Roberto Burle Marx 100 anos – A permanência do instável”, apresentada no Museu de Arte Moderna, em São Paulo, de 17.07 a 13.09.2009.

Coleção Paço Imperial.



Exposição “Roberto Burle Marx 100 anos – A permanência do instável”, apresentada no Paço Imperial, no Rio de Janeiro de 11.02.2008 a 19.04.2009.

Coleção PSA.



Exposição “Roberto Burle Marx, Brazilian Modernist”, apresentada no The Jewish Museum, em Nova Iorque, de 06.05 a 18.09.2016.



Triptico de Burle Marx, 2021.

O DESIGN DE JORGE ZALSZUPIN



Detalhes de técnicas de acabamento de móveis desenhados por Jorge Zalsupin.



Partimos do útero materno para buscar outro ao longo da vida (...), isto é a base da minha arquitetura. Meu trabalho era bastante quadrado, mas ficou mais esculpido. E, na verdade, sempre foi uma busca por aquela sensação de proteção. (...) Nunca vou ser suficientemente grato. Eu me achei bem aqui [no Brasil], porque não conhecia a vida em que o prazer faz parte.

Jorge Zalszupin

Nesta parte apresentamos o trabalho do arquiteto **Jorge Zalszupin**, expresso no projeto e confecção de um mobiliário harmônico e totalmente integrado à proposta moderna das edificações do escritório de Rino Levi Arquitetos Associados e paisagismo de Roberto Burle Marx.

Ao conhecer a trajetória desse profissional renomado e sua atuação nas obras do Centro Cívico de Santo André temos a oportunidade de compreender um pouco mais do valor contido nesse lugar tão importante para todos nós.

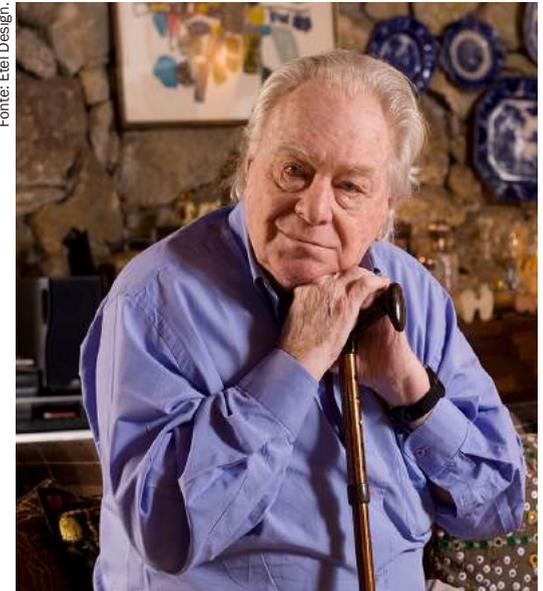
QUEM É JORGE ZALSZUPIN

Jorge Zalszupin foi um dos pioneiros na produção industrial do móvel moderno brasileiro. Nascido em 1922, em Varsóvia, na Polônia, onde viveu até os 18 anos, formou-se em arquitetura na Romênia e em 1947, mudou-se para Saint-Paul, um vilarejo na França, onde atuava na área da construção civil. Dois anos depois conseguiu vir para o Brasil, ao encontro de sua paixão pela arquitetura brasileira.

Em seus primeiros anos no país, Zalszupin projetava prédios modernos e luxuosos na capital paulista e, a pedido de seus clientes, também desenvolvia os móveis como extensão de sua própria arquitetura. Com a prática, alguns de seus móveis entraram para o circuito comercial, quando o arquiteto conseguiu uma solução bem difícil para a época: manter a qualidade e a sofisticação que havia nos móveis artesanais, associadas ao preço mais acessível da produção seriada. Ele também desenvolveu peças híbridas, que podiam servir tanto ao uso de residência

como de escritório. A partir dessas estratégias ele conseguiu atender muito bem as necessidades características dos edifícios públicos para as quais a arquitetura moderna brasileira estava mais voltada naquele período. Assim, suas obras ainda estão presentes em diversas instituições públicas, como é o caso do mobiliário dos palácios de Brasília, trabalho que ele desenvolveu junto ao time de designers convidados pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Fonte: Ekel Design.



Jorge Zalszupin.

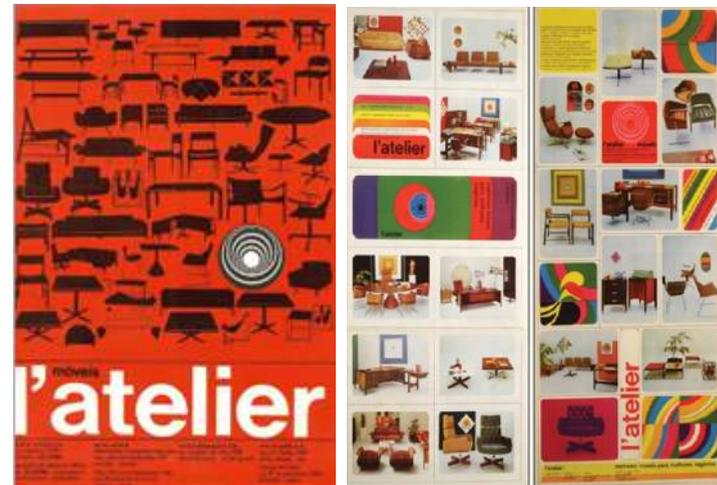
UM POUCO DO l'atelier, QUE DEPOIS VIROU GRUPO FORSA

Para ampliar a possibilidade comercial do mobiliário Jorge Zalszupin criou a **l'atelier** em 1955, associado a outros três marceneiros. E, em 1959, diante de novos desafios assumiu por completo a direção da empresa que posteriormente ganhou destaque pela influência do design escandinavo, principalmente do Organic Design, presente nos desenhos curvos e delgados de Zalszupin, oferecendo conforto, beleza e simplicidade das formas sinuosas da natureza.

Em 1970 a **l'atelier** fundiu-se ao Grupo Forsa - Ferragens e Organizações Reunidas S.A. - uma empresa com maior atuação no mercado, também composta por uma fábrica de plástico e outra de computador, chamada Labor. A partir de então, Zalszupin passou a atuar como Diretor do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento desse Grupo.



Logotipo de l'atelier, 1959.



Catálogos da l'atelier, década de 1960.

SUAS MARCAS, SEUS DETALHES

A atenção aos detalhes está fortemente impressa nos trabalhos de Jorge Zalszupin, demonstrando sua força criativa e empenho de pesquisa para obtenção de soluções estéticas e tecnológicas de qualidade.

Algumas de suas marcas são observadas no emprego da costura pespontada nos estofados compondo o desenho do móvel, caso da Poltrona Ambassador; ou no acabamento do “parafuso em cruz” – peça funcional que ele resolveu valorizar como item decorativo, além de seu modo peculiar de combinar vários materiais em uma mesma peça – madeira, metal, couro e fibra de vidro. Um bom exemplo são os puxadores das mesas de escritório, como a Ambassador e Diplomata, com bastão de madeira jacarandá e couro costurado e pespontado.

Fotos Suzana Kleeb, Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Detalhes típicos do mobiliário de Jorge Zalszupin.

O TRATO COM A MADEIRA

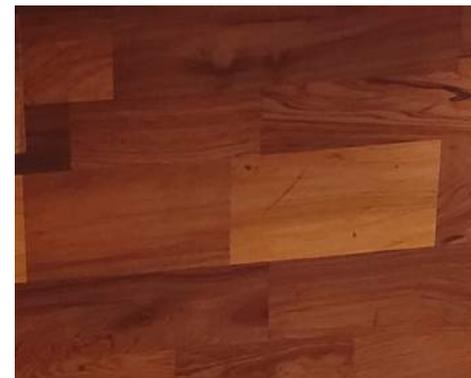
Jorge Zalszupin gostava de usar madeira em seus trabalhos. Ele dizia que o material passava uma imagem de maleabilidade que refletia a ideia de acolhimento e conforto em suas peças. E, como também prezava pelo melhor aproveitamento de material local, o arquiteto fazia uso constante do jacarandá, uma árvore brasileira bastante resistente, que era encontrada no mercado com alguma facilidade. Esta se tornou uma marca pessoal do autor.

Outra impressão deixada em seus projetos de mobiliário foi o taqueamento marchetado. Zalszupin usava diversos retalhos de folhas de madeira – com texturas e tonalidades variadas na superfície de um mobiliário, em vez de uma única madeira uniformizada.



Aparador da linha Componível com tampo taqueado em jacarandá

Fotos Suzana KleeB. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Detalhes dos desenhos de madeira e taqueamento marchetado.

SUAS TÉCNICAS

Uma das técnicas empregadas em suas peças de madeira era a moldagem de laminado a calor. Esse tipo de procedimento foi bem marcante em suas produções já que permitia executar as desejadas curvas do

projeto, dispensando a adoção dos longos e caros processos manuais. A linha Componível, criada em 1960, é um exemplo de soluções inovadoras de Zalszupin, prevendo possibilidades de combinações de suas peças que se adaptavam nos ambientes de um jeito bonito e criativo.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Aparador em madeira marchetado.



Estante taqueada da linha Componível.

ZALSZUPIN EM DIÁLOGO COM A ARQUITETURA DE RINO LEVI

O uso da madeira como revestimento de paredes era uma marca dos arquitetos modernistas. Era uma forma de valorizar aspectos da natureza brasileira. Nos trabalhos de Rino Levi, o uso da madeira tinha ainda outro motivo importante: articular a solução estética à sua técnica de correção de acústica do espaço. Esta estratégia pode ser encontrada em vários ambientes do Centro Cívico de Santo André.

Para o arquiteto Rino Levi a unidade entre a arquitetura, o paisagismo, a acústica, o conforto ambiental e o design de mobília era uma questão central na forma como desenvolvia seus projetos.

No caso do Centro Cívico de Santo André, ficou evidenciado um alinhamento de lin-

guagem entre a arquitetura do escritório Rino Levi Arquitetos Associados, o mobiliário produzido por Jorge Zalszupin e o paisagismo de Roberto Burle Marx, em coautoria dos arquitetos paisagistas Haruyoshi Ono e José Tabacow.

Inauguração da Câmara Municipal de Santo André, 1968. Na foto abaixo observa-se a poltrona Cubo, criação de Jorge Zalszupin.



Foto Iris. Coleção PSA Acervo MSAOAG



Foto Iris. Coleção PSA Acervo MSAOAG

O MOBILIÁRIO DE ZALSZUPIN EM DIÁLOGO COM O CENTRO CÍVICO DE SANTO ANDRÉ

Nas fases finais das obras do Centro Cívico de Santo André realizou-se concorrência pública para aquisição de mobiliário para o prédio do Executivo e Legislativo, na qual a empresa **l'atelier Móveis S.A.** ficou entre as ganhadoras, em cuja proposta foram elencados diversos ambientes que compunham o Gabinete do Prefeito e Vice-Prefeito, Salão Nobre, salas de Secretários, entre de outras áreas de serviços municipais. No caso do Legislativo, foram mobiliados a sala do Presidente da Câmara, o Salão Nobre, a Diretoria e Secretaria da Câmara, e as Comissões.

Os móveis seguiram as propostas de Zalszupin em criar linhas e coleções que conjugavam as mesas, poltronas, mesinhas e cadeiras com diversas de suas linhas: Ambassador, Diplomata, Senior e Junior. Estas eram acompanhadas por mobiliário para áreas de estar, como é o caso dos móveis Oxford ou da linha Cubo.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Conjunto de documentos referentes aos móveis da l'atelier para o Centro Cívico de Santo André, 1968.

EXCLUSIVIDADE DO DESIGN DE l'atelier EM SANTO ANDRÉ

A relevante obra do Centro Cívico de Santo André ensejou que profissionais renomados sincronizassem suas marcas ao contexto da cidade, deixando aqui um gosto de exclusividade. Assim como temos o desenho de Burle Marx na confecção do calçamento em mosaico

português no Térreo 3 do Centro Cívico - que foi replicado no ladrilho hidráulico e é conhecido como “piso Santo André” - temos também um design exclusivo de Jorge Zalszupin nas poltronas do Teatro Municipal. Estas apresentam suas características típicas como o couro e os pespontos, além de atenção ao conforto acústico e ao acolhimento.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



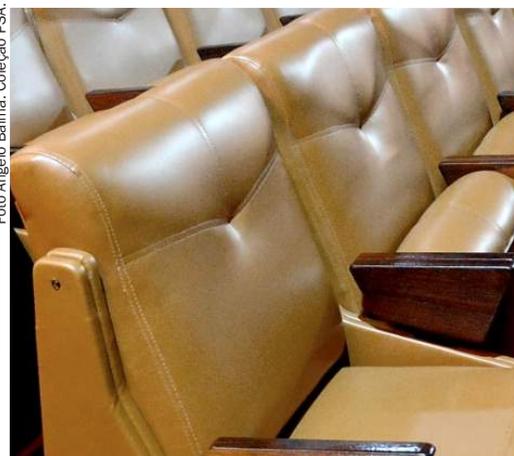
Interior do Teatro Municipal de Santo André, 1977.

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Poltrona do Teatro Municipal de Santo André, especialmente desenhadas para o Teatro Municipal.

Foto Ângelo Baima. Coleção PSA.



Detalhe do pesponto das poltronas do Teatro Municipal de Santo André, 2021.

USO DE MOBILIÁRIO l'atelier NO CENTRO CÍVICO

Coleção Wilson Roberto Stanziani de Souza. Acervo MSAOAG.



Funcionários em sala de reuniões da Secretaria de Educação e Cultura. O segundo à esquerda é Miller de Paiva e Silva, 1975.



Mesa Guanabara

Criada em 1959, em madeira jacarandá e base em concreto, em formato de cálice, revestida em courvin.



Poltrona Senior:

Criada na década de 1960. Assento e encosto em couro marroquino ou courvin e estrutura em jacarandá.

SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ

Foto Iris. Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Inauguração da Câmara Municipal de Santo André, 1968.



Mesa de centro Chanceler:
Criada na década 1960, com tampo taqueado circular, suporte em jacarandá.



Poltrona Senior:
Criada na década de 1960. Assento e encosto em couro marroquino e estrutura em jacarandá.

USO DE MOBILIÁRIO l'atelier NO CENTRO CÍVICO

GABINETE DO PREFEITO

Coleção Antonio Carlos Rizzo. Acervo MSAOAG.



Reunião entre associados do ADC Rhodia e o Prefeito Lincoln Grillo no Gabinete do Prefeito, sobre Campanha de agasalho, julho de 1979.

A linha Cubo foi desenhada no final da década de 1960. Possui design diferenciado das outras coleções de Jorge Zalszupin, pois o assento e encosto parecem ter sido esculpidos dentro de um cubo maciço. O sofá e poltrona são totalmente revestidos em couro marroquino ou courvin, com costura pespontada realçando o desenho. Alguns espaços do Centro Cívico de Santo André foram mobiliados com o conjunto da linha Cubo, composta por sofá (de dois e três lugares), poltronas e mesas laterais auxiliares.

Foto Suzana KleeB. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA



Conjunto da linha Cubo.

GABINETE DO PREFEITO

Coleção PSA, Acervo MSAOAG.



Visita do governador Luiz Antonio Fleury Filho ao Prefeito de Santo André Newton da Costa Brandão no gabinete deste. Estão sentados em um sofá da Linha Cubo. Reunião realizada entre 1993 e 1995.



Fotos Suzana Kleeb, Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Sofá e poltrona da linha Cubo em base em madeira, totalmente esculpido e revestido em courvin, 2021.

USO DE MOBILIÁRIO l'atelier NO CENTRO CÍVICO SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ

Coleção PSA_Acervo MSAOAG.



Evento com o Prefeito Antonio Pezzolo (de óculos) no Salão nobre do prédio do Executivo, década de 1970. Nesta fotografia se nota que peças de diferentes linhas do mobiliário de Jorge Zalszupin compunham o mesmo ambiente.



Poltrona da linha Cubo

Criada na década 1960, com base em madeira, totalmente estofada e revestida em couro marroquino ou courvin.



Mesa de centro Chanceler

Criada na década 1960, com tampo em mármore e estrutura em aço e jacarandá.

SALA E ANTE SALA DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ

Coleção PSA. Acervo MSAOAG.



Autoridades e convidados no Salão Nobre durante a inauguração da Câmara Municipal de Santo André, 1968. Vê-se em primeiro plano e ao fundo os móveis dessa coleção.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Conjunto integrando peças das linhas Cubo e Manhattan, no Salão Nobre da Câmara Municipal, 2021.

Foto Suzana Kleeb. Coleção Corpo Técnico de Apoio ao Patrimônio Cultural/PSA.



Linha Manhattan Criada na década 1960, possui um formato hexagonal, sendo que o braço e o encosto ficam levemente inclinados, dando à peça um aspecto mais en-corporado que passa a sensação de aconchego. Sofás e poltronas em estrutura de madeira, totalmente estofada e revestida em courovin.

USO DE MOBILIÁRIO l'atelier NO CENTRO CÍVICO

A **l'atelier** produziu diversas cadeiras de escritório para o Centro Cívico de Santo André. Estas eram de linhas como a Ambassador, Diplomata, Junior, Senior e compunham com as escrivaninhas e mesas de reuniões dos ambientes de escritório. Áreas de estar e de acesso aos gabinetes também possuíam poltronas, mas da linha Oxford, Cubo e Manhattan.



Poltrona Ambassador, criada na década de 1960, utilizada no Centro Cívico pelo Prefeito e o Presidente da Câmara Municipal. Esta poltrona, com algumas pequenas adaptações mobília até os dias atuais o Supremo Tribunal Federal em Brasília.

Foto Ifis. Coleção PSA. Acervo: MSAOAG.



Gabinete do Presidente da Câmara Antonio Ferreira dos Santos, no ato de inauguração da Câmara Municipal de Santo André, 1968.



Escrivaninha Ambassador com quatro ou oito gavetas. Criada na década de 1960, taqueada em jacarandá. Puxadores de couro com bastão de jacarandá.



Nesta foto as autoridades estão sentadas em cadeiras Senior e Ambassador, criadas por Zalszupin. Formatura de alunos da Faculdade Senador Fláquer, no Teatro Municipal de Santo André. Na mesa, Waldemar Mattei, Governador Laudo Natel, Newton Brandão e Antonio Pezzolo, década de 1970.



Catálogo da l'atelier, década 1960.



Poltrona Senior



Poltrona Ambassador

PEÇAS DO MOBILIÁRIO l'atelier EM USO NA PREFEITURA:

MESAS DE ESCRITÓRIO E AUXILIARES

Em levantamento recente do mobiliário que acompanhou a inauguração do Centro Cívico, constatou-se que peças **l'atelier** ainda compõem de forma harmônica alguns ambientes da Câmara Municipal e do Executivo. Outras peças foram sendo disponibilizados de um modo mais difuso (sem pretensão estética, mas apenas funcional) em várias áreas da Prefeitura. Apesar de serem mantidas em seu uso, muitas vezes seu valor e potencial são desconhecidos por seus usuários e grande parte delas necessitam de restauro.



Escritivaninha Junior com tampo em "L". Sua estrutura e tampo são em jacarandá, com puxadores metálicos e painel frontal frontal revestido em plástico.



Mesa auxiliar Kart. Algumas estações possuíam estas mesas auxiliares para telefone ou aparelho para documentos.



POLTRONAS



Poltrona Senior - 2ª versão:
Criada na década de 1960. O estofamento revestido em couro ou tecido se apoia em uma estrutura tubular em alumínio composto por duas pernas em forma de "T" invertido.



Poltrona e sofá da linha Oxford
Criada na década 1960. Com estofamento revestido em couro marroquino ou courvin, ao estilo capitonê, sobre a base confeccionada em estrutura tubular cromada que segue a forma em "T" invertido da Poltrona Senior 2ª edição. As dimensões variam para um, dois e três lugares.



Poltrona Lobby Chair
Criada na década 1960. Poltrona em alumínio com assento e encosto em couro ou courvin.

PARA SABER MAIS

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

Livros, dissertações e teses

ALMEIDA, F. **Rino Levi e a arquitetura da saúde: simbiose entre arte e técnica**. In: IV ENANPARC, 2016. Disponível em: <https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s06-01-almeida-f.pdf>. Acesso: 20.nov.2020.

ANDRADE, M. V. **Jorge Zalszupin: contribuições para o design do móvel moderno brasileiro (1959-2008)**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ANELLI, R.; GUERRA, A.; KON, N. **Rino Levi , arquitetura e cidade**. Romano Guerra: São Paulo, 1ª edição, 2001.

ARANHA, M. A obra de Rino Levi e a trajetória da arquitetura moderna no Brasil. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GAIARSA, O. **A Cidade que dormiu três séculos**. Prefeitura de Santo André: Santo André, 1968.

GONÇALVES, A. **Estudo para o tombamento do Centro Cívico de Santo André**. Processo administrativo PSA nº44.899/1993, mimeo.

MELENDRES, C. **O homem e o espaço hospitalar: Edifício Manoel Tabacow Hídral Hospital Albert Einstein (1959)**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

PEREIRA, R. **Três poderes: arquitetura Cívica Paulista –1950-1970**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

Livros, dissertações e teses

PINHEIRO, C. e MODESTO, C. **À mesa com Burle Marx**. Brasília (DF): Batel, 2008.

SANTOS, M. C. L. **Móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

TAMANINI, C. **Reconstrução acústica das salas de cinema projetadas pelo arquiteto Rino Levi**. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VILLELA, F. **Rino Levi - Hespéria nos trópicos: a racionalização dos processos de trabalho em escritórios de arquitetura e a interação entre intelectuais, Estado desenvolvimentista e a industrialização em São Paulo**. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ZALSZUPIN, J. **De * pra lua**. São Paulo: Editora Olhares, 1994.

Sites

EDIFÍCIO do Hospital Albert Einstein. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra70948/edificio-do-hospital-albert-einstein>

Sites

BURLE MARX - Escritório de Paisagismo. <http://www.burlemarx.com.br/>

RINO LEVI. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa351575/rino-levi> . Acesso em: 20 de Nov. 2020. Verbetes da Enciclopédia.

JORGE ZALSZUPIN. <http://jorgezalszupin.com/> **Etel Design**. . <https://etel.design/products/creative/jorge-zalszupin>

INSTITUTO BURLE MARX. <https://www.institutoburlemarx.org/>

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

Jornais e Revistas

Construção do Centro Cívico – A Tribuna, 21.03.1965 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pesq=%22Centro%20C%3ADvico%20de%20Santo%20Andr%C3%A9%22&pasta=ano%20196&pagfis=49690

Construção do Fórum – A Tribuna, 19.05.1968 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01&pesq=%22Centro%20C%3ADvico%20de%20Santo%20Andr%C3%A9%22&pasta=ano%20196&pagfis=80526

Inauguração Centro Cívico – A Tribuna, 13.04.1969 http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153931_01 &pesq=%22Centro%20C%3ADvico%20de%20Santo%20Andr%C3%A9%22&pasta=ano%20196&pagfis=80526

Cine Ipiranga, Revista Acrópole, maio de 1943 n° 61, <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/61/89>

Teatro Cultura Artística, Revista Acrópole, maio de 1950 n° 145, <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/145/9>

Concurso e Centro Cívico de Santo André, Revista D.O.P. maio junho, 1965, edição 27. Acervo MSAOAG.

Processos administrativos

PREFEITURA de Santo André, processo administrativo nº18671/64. Concurso Privado de Anteprojeto do Paço Municipal e Centro Cívico de Santo André.

_____ nº 12838/67 . Proposta para arquitetura de interior do Teatro Municipal.

_____ nº 31329/68. Concorrência pública de mobiliário do Prédio Executivo.